



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**FÁBIO AMORIM DE OLIVEIRA**

**DISCIPLINA,EMBELEZAMENTO E MODERNIZAÇÃO: A PARAHYBA DO**  
**NORTE ENTRE 1910 E 1930**

**Guarabira – PB**

**2014**

FÁBIO AMORIM DE OLIVEIRA

DISCIPLINA, EMBELEZAMENTO E MODERNIZAÇÃO: A  
PARAHYBA DO NORTE E ENTRE 1910 E 1930

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Licenciatura em  
História da Universidade Estadual da Paraíba,  
em cumprimento à exigência para obtenção  
do grau de Licenciado em História.

Aprovada em 04/08/2014.

*Edna Maria Nóbrega Araújo*

Profª Drª Edna Maria Nóbrega Araújo / UEPB  
Orientadora

*Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega*

Profª Drª Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega / UEPB  
Examinadora

*Joedna Reis de Menezes*

Profª Drª Joedna Reis de Menezes / UEPB  
Examinadora

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48d Oliveira, Fábio Amorim de  
Disciplina, embelezamento e modernização: [manuscrito] : a  
Parahyba do Norte entre 1910 e 1930 / Fábio Amorim de Oliveira.  
- 2014.  
20 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Edna Maria Nobrega Araujo,  
Departamento de História".

1. Cidade. 2. Modernização. 3. Disciplina. I. Título.  
21. ed. CDD 981.33

## RESUMO

No presente artigo pretendemos analisar as mudanças que aconteceram na cidade da Parahyba do Norte entre 1910 e 1930, momento em que as autoridades governamentais passaram a se preocupar com a reorganização da cidade de forma parecida com a das grandes metrópoles. Aos poucos, a Parahyba do Norte teve seus espaços tradicionais de circulação, moradia, lazer e trabalho, redefinidos, remodelados. Nesse período, foram incentivadas e praticadas, dentre outras reformas, as seguintes: transformação dos logradouros públicos em locais atraentes através da remodelação, arborização e criação de praças e Jardins Públicos; abertura de ruas e avenidas que visavam substituir os chamados becos insalubres; remodelação, caiação dos prédios públicos, calçamento das ruas, serviço de energia elétrica, água encanada, substituição dos bondes puxados a burro pelos bondes elétricos, etc. Para que surgisse a cidade com uma nova fisionomia, foi necessário retirar os menores abandonados, os doentes, os mendigos, as prostitutas e os loucos das ruas onde viviam e “escondê-los” nos asilos, hospitais psiquiátricos, prostíbulos. No caso da população pobre tiveram suas casas de palha derrubadas, os becos destruídos, substituídos por ruas e avenidas “limpas” e modernas. O corpo passava a ser visto como principal alvo dos discursos “Médicos e Governamentista” da época, pois via-se no corpo principal objeto para se controlar a vida de boa parte da sociedade parahybana. Era preciso tornar os corpos dóceis e úteis, daí, surgiu a obrigatoriedade da disciplina Educação Física nas Escolas da cidade. O desejo de transformar a cidade, ordenar seus espaços e sua população podia ser percebido em diferentes cidades do mundo e do Brasil, na Parahyba do Norte não foi diferente.

**ALAVRAS-CHAVE:** Cidade. Modernização. Disciplina.

## DISCIPLINA, EMBELEZAMENTO E MODERNIZAÇÃO: A PARAHYBA DO NORTE ENTRE 1910 E 1930

Historicamente a Parahyba do Norte, atualmente João Pessoa, já nasceu cidade desde sua fundação em 1585, e foi estruturada espacial e socialmente pelas quatro ordens religiosas que lá se instalaram, dentro da orientação econômica e política típica da colonização portuguesa do século XVI. Comum as demais cidades criadas no período colonial, A Parahyba do Norte foi construída no topo de uma colina com vistas e acesso fácil para o rio Sanhauá, e tinha por objetivo principal a defesa da costa e o controle político e social local. Na parte fronteira ao rio, no pé da colina, ficava o antigo Porto do Capim e a cidade baixa, o Varadouro, onde as atividades comerciais se processavam. Na parte alta funcionavam as atividades administrativas e religiosas, bem como a maior parte das habitações residenciais. (KOURY, 2005, 149)

Segundo a historiografia paraibana, no final do século XIX, a cidade da Parahyba do Norte, pode ser descrita como uma cidade que possuía um pequeno contingente populacional<sup>1</sup>, um vagaroso crescimento urbano, a disposição das casas nas ruas se dava de maneira aleatória, talvez devido a uma ocupação residencial espontânea, que apresentava intervalos desabitados entre as edificações. O que, evidentemente, caminhava de um modo inverso à consolidação de uma estética urbana. Não possuía calçamento nas ruas, e nelas acumulavam-se lixo e água formando grandes lamaçais no período de inverno, que propiciavam o crescimento de capins, atraindo animais e provocando o que a elite denominava de desordem da cidade.

Nesse sentido, havia a exigência por parte dos médicos sanitaristas e arquitetos de que se estabelecesse um controle dos espaços urbanos, impedindo qualquer tipo de desordem que viesse a se fazer presente inclusive a desordenação que se manifestava na forma da ocupação do espaço, quer seja em relação ao desalinhamento das ruas, ou da chamada falta de ordem das casas ou das pessoas.

Foi entre as décadas de 1910 e 1930, que se tornou possível visualizar a modernização da cidade da Parahyba do Norte em seus mais diversos aspectos.

---

<sup>1</sup>Quanto aos dados sobre a população da capital pode-se apontar os seguintes: Para Aécio Villar de Aquino, em 1859 a população era de 25 mil habitantes; Para José Octávio em 1872 a população era de 24.714 habitantes, em 1890 de 18.645, em 1900 de 28.793 e 52.990 em 1920. (ARAÚJO, 2001 )

Modernização que desde o final do século XIX era desejada por parte da população cidadina. Esperava-se o progresso, a civilização, a modernidade. As pessoas começaram a acompanhar as mudanças que aconteciam nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza, etc. e sobretudo Paris. E criaram expectativas diante da possibilidade de vivenciar as mesmas experiências.

Mas para ter uma cidade moderna era preciso realizar muitas mudanças na estrutura urbana e nas mentalidades. Eram de fundamental importância seguir os preceitos ditados da Europa, e que chegavam cada vez com mais força nas cidades brasileiras e também na Parahyba. Essas ideias passaram a ser disseminadas cada vez mais forte na Parahyba através dos jornais e revistas da época, a exemplo da Era nova, que passou a ser publicada a partir de 1921.

O desejo da modernidade se tornava cada vez mais intenso perante a alta sociedade paraibana,

os jornalistas que escreviam nos principais periódicos em circulação na época foram os porta vozes do projeto de cidade que jugavam ser capaz de representar os anseios das elites, ou seja a 'Parahyba de direito de fato' deveria constar de suas calçadas iluminadas, deveria dispor de transporte elétrico, água encanada e esgoto sanitário (CHAGAS, 2004, p.33).

O anseio de modernidade gritava cada vez mais alto nos quatro cantos de Parahyba do Norte. "Os comentários no sentido de a cidade ser dotada de um bom serviço de luz, compatível com o progresso existente se faziam ouvir a cada momento." (RODRIGUEZ, 1994, p. 102)

A elite paraibana clamava, os jornalistas apoiavam e defendiam em seus discursos publicados em jornais como a União entre outros que circulavam na época.

Foram abertas três portas em correspondência aos camarotes para cujo acesso foram construídas duas escadas balaustradas; seis portas aos lados do Theatro, para ingresso nos terraços que tencione mandar fazer; janelase portas para tornar mais arejados os camarotes. No mercado foi construído um pavilhão para a administração. No palácio foram concertados o tectoe cannos correspondentes, o asseado do edifício. Na secretaria foram abertas escadas uma e uma janela, sendo ladrilhada a mosaico e salas. (Mensagem apresentada a Assembleia do Estado da Parahyba pelo então Presidente do Estado Dr. João Lopes Machado, em 1º de Setembro de 1910, p.28, 29.)

As reformas e construções de alguns prédios e ruas deixava a cidade cada vez mais confortável, arejada e mais segura pois as construções passavam a ser feitas com mais portas, janelas, e saída de incêndio, passou-se também a introduzir a arte do mosaico na fachada dos prédios paraibanos, como é o caso do que aconteceu na fachada do prédio da secretaria do Estado da Parahyba. Outros prédios foram

derrubados, fazendo assim surgir mais espaços nas ruas para se implantar as linhas de trens como a Ferro -Via Tambaú, as linhas de bonde que corriam dentro da cidade. (Mensagem apresentada a Assembleia Legislativa pelo Dr. João Lopes Machado Presidente do Estado da Parahyba no ano de 1911, p.50)

Em 1912, foi concluído a construção do calçamento do arrabalde trincheiras, também aterradas os maiores maceiós de Tambaú, o prédio da iluminação pública da cidade. “Em 1915, a cidade da Parahyba já contava com um abastecimento de água ainda que precário, e insuficiente, com Bondes e iluminação elétrica, Telegrafo, Ferrovias, Cinemas, Teatros, Automóveis, e uma agência bancaria”. (GUEDES, 2006, p. 80)

A cada dia a elite política e intelectual da cidade mostrava-se mais encantada com a modernidade. Logos as administrações dos governos de João Lopes Machado, João Pereira de Castro Pinto, Camilo de Holanda e João Pessoa foram marcadas por práticas inovadoras no sentido de modificar a cidade ou, precisamente, a estrutura urbana da cidade de forma parecida às grandes metrópoles. “Havia a expectativa de que a cidade estivesse caminhando nos trilhos da modernidade. E, caminhar nestes trilhos significava apagar as imagens e os comportamentos do passado, encobrir os arranhões. Significava defender a remodelação da cidade”. (ARAÚJO, 2001, p. 58)

As mudanças por que a cidade da Parahyba do Norte passava em princípios do século XX, causava uma espécie de encantamento entre seus moradores. Aos poucos a cidade mudava sua fisionomia com as remodelações nos seus espaços tradicionais de circulação, moradia, lazer, trabalho, etc.

A cidade viu-se envolvida numa “febre” de construção e remodelação quer tanto públicas quanto particulares. Possivelmente não significava uma ação conjunta entre os poderes públicos e a elite. Mas havia um desejo que era similar entre esses grupos, eles podiam se identificar, mutuamente, através dos sonhos de modernização e de, forma conjunta ou não, construir uma nova cidade. (ARAÚJO, 2001, p.60)

Com a Decadência da cana de açúcar em meados do século XIX que era o principal produto a ser importado pela Parahyba, outro produto surgiu com mais força na economia paraibana que foi o algodão. Segundo Diana Soares de Galiza, o processo de modernização se consolidou efetivamente a partir de 1910, quando ocorreu o melhoramento da economia do Estado com o desenvolvimento do algodão possibilitando a utilização do capital algodoeiro na ampliação e substituição dos serviços urbanos, a exemplo da iluminação e transporte, os quais passaram a funcionar

através do sistema elétrico. O algodão teria feito o papel de ponte entre o clamor de uma boa parte da sociedade paraibana por melhorias de vida na cidade da Parahyba, e os investimentos dos governantes da época para que isso pudesse acontecer sem muitas demoras.

A transferência dos proprietários rurais para a capital, sua incorporação às elites e o desejo de quererem se afastar do mundo rural, visto como antigo e atrasado, passaram a justificar a implementação dos serviços de infra-estrutura, ou seja, a modernização da cidade [...] a preeminência do algodão na economia do Estado possibilitou a utilização do capital algodoeiro na ampliação e substituição dos serviços urbanos (CHAGAS, 2004, p 39-40)

A partir dos dados fornecidos pela revista Era Nova verifica-se a importância crescente que foi sendo dada as obras publicas na Parahyba , ou seja, os de acordo com a distribuição de recursos percebe-se um aumento significativo para este setor:

1899	18:783\$000
1900	18:783\$000
1901	19:743\$000
1902	13:000\$000
1903	29:150\$000
1904	37:150\$000
1905	34:750\$000
1906	24:800\$000
1907	53:925\$000
1908	22:725\$000
1909	22:725\$000
1910	15:625\$000
1911	15:625\$000
1912	15:625\$000
1913	141:225\$000
1914	70:400\$000
1915	63:600\$000
1916	92:740\$000

Não apenas as informações da Revista Era Nova apontam o aumento nos investimentos com as obras públicas. A partir dos dados apresentados nos Relatórios e Mensagens Governamentais observa-se que os gastos com tais obras aumentavam significativamente com o passar dos anos, sendo que em alguns anos os valores eram mais elevado, como é o caso de 1913.

No ano de 1914, também tivemos a criação segundo o decreto de nº 697 de 1º de Junho do corrente ano foi creado a Diretoria de Obras Públicas esse serviço: Compreende todos os serviços de construção, e reconstrução de alguns prédios e ruas, abastecimento de água e esgotos da capital, fiscalização de todos os serviços públicos contractados, na parte que diz respeito a saúde o relatório nos fala que, nemum outro serviço reclamaria com tantas razões dos recursos financeiros do Estado, mais que mesmo assim conseguiu se implantar na Parahyba; a resistência vai ardendo na população, e hoje não é raro entre nós quem não procure ou não se submeta a essa Phylaxia. Declinando a varíola na estação chuvosa recrudescio impudismo, hoje espelhado na zona a quem da Borboremagraça ao refluxo da emigração amazônica. Também da necessidade cada vez mais urgente do esgoto da cidade, falta-nos um serviço regular de limpeza pública, um forno crematório para o lixo arrecadado nos hospitais de isolamento e nas ruas, nas épocas de epidemia, hospitais de isolamento, podemos dizer que foi um triunfo notável obtermos do generoso esforço e alta competência do Dr. Saturnino de Brito um projecto que se está imprimindo sobos cuidados do ilustre Dr. Miguel Raposo. Não podemos esquecerdo asilo de mendicidade que corresponde sempre com mais louvel proveito, no decorrer de sua existência laboriosa de muita dedicação, as maiores esperanças dos seus fundadores. (Mensagem apresentada a Assembleia Legislativa do estado da Parahyba pelo presidente João Pereira de Castro Pinto em 1º de Setembro de 1914).

As mudanças de ordem técnica porque passou a cidade estendeu-se através do calçamento e alargamento das ruas, da abertura de novas avenidas e bairros, da remodelação dos edifícios oficiais e particulares e das praças. O que modificou, significativamente, o aspecto da cidade.

As alterações na cidade tiveram sua continuidade, também, ao sistema de transportes. Os bondes-de-burros foram substituídos pelo sistema de bondes elétricos - inaugurado em 1914. Vale ressaltar que os bondes-de-burros já se mostravam insuficientes para atender a demanda da cidade que, como foi possível constatar, encontrava-se em ritmo de crescimento.

(...) Fica considerado de utilidade publica para ser desapropriado com o **fim de alargar e embellezar á rua Maciel Pinheiro o prédio nº 1**, sito á rua Visconde de Inhaúma, desta Capital (...)”. (A União, outubro de 1908, p. 2.. Grifo nosso)

Como se pode observar, mesmo antes das principais remodelações que passou a cidade, já existia a desapropriação de casas com objetivos bem claro: “alargar e embellezar”. No entanto, nem todas as casas derrubadas foram desapropriadas.

A Prefeitura municipal intimou os proprietários **dos casebres interdictos** á rua Maciel Pinheiro, nº 122, 129, 161 e 163; á rua do Rosário nº 9 e 11, para demolil-os no prazo de 15 dias, sob pena de serem esses serviços executados pela mesma Prefeitura, que cobrará as despesas respectivas aos proprietários dos devidos casebres”. (A União, 21/05/1919, p. 2. Grifo nosso)

No caso acima, se as demolições não acontecessem no prazo, os proprietários teriam que arcar com as despesas. Mais uma vez é importante destacar a que tratam-se de casebres, portanto de moradias de pessoas pobres e localizadas à Rua Maciel Pinheiro, uma das ruas que passou por reforma urbana de alinhamento, nivelamento, calçamento, saneamento, recebeu luz elétrica, trilhos para a circulação dos bondes elétricos que representavam o grande ícone da modernidade e tronou-se um dos espaços de maior circulação da população da cidade.

Nas ruas da Cidade Baixa, o comércio projetava-se, principalmente, na rua Conde d’Eu, Varadouro e Sanhauá, atualmente e respectivamente, Maciel Pinheiro, João Suassuna e Sanhauá. Já a prestação de serviço se estabeleceu nas ruas mais importantes da cidade, nas ruas Direita e Nova, que no final do Império passaram a se chamar, respectivamente, rua Duque de Caxias e Marquês Herval, que no período republicano, passou a ser chamada de General Osório. (RODRIGUEZ, 1994.)

As ruas Duque de Caxias e General Osório onde as atividades de comércio e prestação de serviço se localizaram, e por sua vez passaram desempenhavam um importante papel na mobilidade e acessibilidade da população e também

Por abrigar estabelecimentos comerciais, de prestação de serviços e edificações religiosas e da administração pública, as ruas citadas expressaram e ainda expressam centralidade à cidade. Daí a necessidade das autoridades investirem na remodelação das ruas centrais como a Rua do Comércio ou Maciel Pinheiro.

A concepção arquitetônica e urbanística colonial começa a ser modificada e as ruas a serem alargadas e prolongadas. As vias de circulação são ampliadas e as casas começam a adquirir novos formatos, ficando mais arejadas e abertas e diferenciando-se do estilo colonial até então em uso, de construções fechadas e escuras e com pouca circulação de ar. Avenidas foram abertas, direcionando a expansão da cidade, como a Avenida João Machado, ainda na década de dez, a Maximiliano de Figueiredo, entre os

anos de 1916 a 24, e a Avenida Epitácio Pessoa teve o calçamento a pavimentação e abertura ao trânsito, nos anos 1930. O que deu à cidade a concepção urbanística por onde se desenvolveria posteriormente. (RODRIGUEZ, 1994.)

Embora todos os componentes do espaço urbano estivessem sujeitos a uma reordenação assim concebida, a rua é o principal elemento da cidade a ser normatizado.(...) Metaforizada freqüentemente como esqueleto ou sistema arterial da cidade, a rua apresenta-se como o espaço por excelência da circulação, do tráfego de homens e mercadorias, e, enquanto palco privilegiado para a observação, é sobretudo nela que se tornam públicas e visíveis as transformações na topografia da cidade.(...) Exercendo a função de representar a própria cidade, a rua passa a ser vista como um poderoso instrumento para uma pedagogia civilizatória da população.(KROPF, 1996, p.13)

De acordo com Mauro Guilherme Pinheiro Koury, entre o final da década de dez e as décadas de vinte a cinquenta do século XX, entre outras obras, foi “fundado o Parque Sólon de Lucena e urbanizada a Lagoa, bem como o Parque Arruda Câmara, o Ponto Cem Réis” (KOURY, 2005, 151). Foi um período marcado pela construção de várias praças, jardins e coretos que proporcionavam festas durante as noites para a população rica, uma vez que as praças, jardins e coretos recebiam grades de proteção inviabilizando a entrada da população pobre. Porém, aponta para um novo tipo de ocupação do espaço público pela população, antes restrita ao interior das residências ou a participação nas festividades religiosas. A população começou a frequentar as ruas, como forma de se divertirem e encontrarem amigos.

“Tornou-se comum ver senhoras e senhoritas pelas praças e ruas a conversar, galanteios” e exibir seus novíssimos “modelitos”, e acessórios importados” (GUEDES, 2006, p.71/72,). Passou-se a ter mais liberdade no modo de viver, e de se comportar entre os habitantes da classe ascendente da Paraíba, outro costume que se tornou frequente na vida dos paraibanos, “Foi a utilização das praias próximas a capital, e ao município de Cabedelo para passeios domingueiros e veraneios”. “Se em pouco tempo as águas do mar causavam medo de contaminação, agora elas eram junto com o banho de sol matinal e Vespasiano recomendação médica” (GUEDES, 2006, p. 72). Banho esse que acontecia em praias como a de Tambaú na capital paraibana, e que gradativamente passou a se repetir quase que diariamente entre os populares da época. (Almanak administrativo Mercantil e Industrial do Estado da Parahyba para o ano de 1908, 106).

Havia o encantamento pelas novidades, pelas transformações que aconteciam de maneira rápida naquele período, pelas alterações no comportamento das pessoas e na aparência das cidades.

Porém, para que esta cidade moderna pudesse existir era preciso que todos os espaços e pessoas se enquadrassem nos modelos impostos. Era necessário seguir regras indicadas pela ciência, moldar costumes e comportamentos.

Neste processo procurou-se proteger a cidade dos pobres, e junto com a melhoria do espaço urbano construíam-se códigos disciplinadores e a criação de asilos, orfanatos e prisões para que o “*lixo da cidade*” - como os segmentos menos favorecidos da população foi chamado em editorial pelo jornal *União* de 30 de maio de 1898, - fosse contido ou, pelo menos, camuflado. A modernização do espaço urbano e do estilo de vida da cidade também se fez sob o signo do medo do outro e da busca de controle social e societal. Ao lado do disciplinamento das ruas e dos homens pobres e do embelezamento da cidade, se dá o deslocamento das residências das famílias mais abastadas para fora do perímetro central da capital, vindo se estabelecer em bairros como Tambiá e Trancheiras. A tendência de expansão da cidade se fez no sentido leste e sul, tendo o bairro de Varadouro, na parte baixa da cidade, iniciado o seu processo de decadência e ruína, como ainda hoje se vê. (KOURY, 2005, 151)

De acordo com Nicolau Sevcenko, a imprensa carioca também fazia menção aos elementos apontados acima:

Desencadeia-se (...) pela imprensa uma campanha, que se prolonga por todo este período, de ‘caça aos mendigos’, visando à eliminação de esmoleres, pedintes, indigentes, ébrios, prostitutas e quaisquer outros grupos marginais da áreas centrais da cidade. (SEVCENKO, 1995, p. 34)

Para ter um maior controle da população, gradativamente, ricos e pobres passaram a morar em bairros diferenciados e estabeleceu-se um sistema de inspeção sobre os lugares em que os pobres moravam e sobre seus corpos.

A burguesia desenvolveu, assim, a sua própria tecnologia de poder para garantir a sua hegemonia. Uma tecnologia de poder que teve por base uma política médico-higienista que provocou reformas nas cidades, sob a orientação de um modelo disciplinar que deu início à concretização do projeto de vida burguês, que organizava e direcionava o trabalho produtivo, do qual dependia a expansão das cidades. (ARAÚJO, 2001, p.78)

Os pobres e os seus espaços foram os alvos principais das investidas dos poderes públicos. Nesse sentido, utilizando os discursos da higiene (saúde) e do embelezamento da cidade. Apareceu preocupações quanto aos “perigos” naturais e sociais que era tidos como responsáveis pela falta de ordem civilização, desenvolvimento, progresso e modernização da cidade da Parahyba como por exemplo: o perigo das águas

estagnadas encontradas nas ruas que não possuíam calçamento, lamaçal nas ruas, o lixo, a presença de mato, animais, vistos como focos potenciais disseminadores das doenças que comumente atingia a população na Parahyba. Também era objeto de preocupação as construções das casas e tudo que pudesse interferir na salubridade da cidade e conseqüentemente na diminuição das epidemias e da mortalidade.

Os jornais paraibanos cobravam dos médicos da Diretoria de Hygiene, maior empenho no combate as doenças e aos acúmulos de sujeira nos espaços públicos e privados. O jornal a Imprensa publicou em uma de suas edições que:

Existi na rua 13 de Maio um quarteirão chamado dos sete quartos pelas sete espeluncas lá existentes. Do quintal d'este quarto, sem aparelho nem outra sorte de accomodações sanitárias, desprendem um mal cheiro insuportável, toda sorte de detritos e porcarias accumuladas. É este facto digno das visitas rigorosas da Hygiene, pelo estado sanitário de nossa cidade, que não é dos melhores e pela vizinhança de terríveis pestes cujos micróbios não desenharão, de certo, a petisqueira da imundície como esta de que falamos (SÁ, 1999, p.189).

Os dados numéricos apresentados nas mensagens e relatórios dos Inspectores de Saúde mostravam que doenças como varíola, febre amarela, tuberculose, cólera, sarampo, gastroenterites, etc causavam varias vítimas e a tendência aumentava com o aumento da população, tornando a questão da saúde pública um problema sério para a cidade. As reformas pareciam tarefa urgente.

Pois ainda no ano de 1911, o senhor João Lopes Machado, defendeu em seu discurso que, “Não havia mais a necessidade de isolar-se o tuberculoso, mais de simplesmente educa-ló para que ele possa viver na sociedade sem disseminar a moléstia de que é portador” (MACHADO, apud AGRA, 2004, p.8). O tuberculoso que antes era isolado da sociedade agora tinha que ser “Educado”, pois a doença já não era mais tão temida assim pelos médicos parahybanos, pois segundo o Dr. João Lopes Machado de “agora por diante era preciso apenas “educar os doentes”, e ensiná-los viver dentro da sociedade sem infectarem as outras pessoas. Bastava fazer o tratamento” (Relatório apresentado a Assembleia Legislativa do Estado da Parahyba pelo Dr. João Lopes Machado no ano dia 1º de Março de 1912.)

As mensagens governamentais mostram uma serie de mudanças administrativas e realizações no setor de higiene, na melhoria do serviço de saúde e no investimento na vacinação. Todos os governos cercam-se de um esquema de propaganda para divulgar seus feitos, além de contar com a colaboração de parte da imprensa local, para exaltar

seus compromissos com a modernização e a busca da ordem, princípios que justificam o autoritarismo das ações governamentais.

Nesse sentido mereceu destaque a atuação dos médicos higienistas que criaram normas de higiene voltada para os espaços públicos e privados, como o destino dos lixos e dos esgotos, a canalização das águas, a retirada dos animais das ruas, a forma de construção das casas, a salubridade das escolas, cadeias, matadouros, mercados. Foi determinado a criação de espaços especializados para os menores desvalidos, loucos e mendigos, estabeleceu-se a invasão das casas e dos corpos para serem fiscalizados em nome da higiene e para manter a saúde da cidade. (ARAÚJO, 2001)

Um dos espaços escolhidos para manter o controle sobre os corpos e portanto, ainda na juventude, foi a escola. E já no início do século XX era possível observar a atuação das Instituições de Ensino agindo em relação ao corpo do Jovem. Quer seja na obrigatoriedade de ter o cartão de vacina atualizado para poder efetivar a matrícula, ou a obrigatoriedade das práticas de Educação Physica entre as disciplinas escolares (1910),etc.

Durante a primeira década do século XX, onde suas instituições [Escolas] foram implementadas além dos cursos particulares ministrados na residências, funcionava também os seguintes colégios: Santa Julia, São José, Instituto Maciel Pinheiro, Nossa Senhora das Neves”, entre outros colégios que eram responsáveis pela educação dos filhos da classe ascendente parahybana da época. (GUEDES, p. 100, 2006).

É ai que surge nas Escolas o incentivo por parte dos médicos, e dos professores para a pratica da Hygiene, e da Educação Physica,cujo objetivo é moldar o corpo e torná-lo dócil. É o corpo que se transforma de acordo com o lugar e a responsabilidade que cabe a ele, não importa, ele é moldado de acordo com aquilo que ele está vivendo.

Higiene e Educação tinham que caminhar juntas limpando, e educando os corpos primeiramente nas escolas com as crianças pois a ideia central era educar os filhos para que depois se conseguisse conscientizar e educar também os seus pais, lembrando sempre que essas famílias faziam parte da classe que era privilegiada economicamente, a classe ascendente da Parahyba.

A disciplinarização dos corpos teve seu início na infância, e seria os professores que de acordo as falas dos médicos que eram os principais responsáveis por orientar os novos moldes eugênicos que estavam em voga (SOARES, 2011, p. 25).

É a partir daí que a escola passa a ser vista como alvo principal, a mola propulsora para se conseguir introduzir com sucesso esses dois costumes que iriam tornar saudáveis no dia a dia dos seus alunos. De acordo com Iranilson Buriti de Oliveira, onde ele diz que a partir desse momento “O corpo participa da elaboração dessa subjetividade ao ser espetáculo, e o alvo ao mesmo tempo do discurso médico – sanitarista, intensificando-se na década de 20 com a emergência da eugenia, das práticas modernizadoras, e modernistas” (OLIVEIRA, 2003, p.14). O corpo passava a ser visto como principal alvo dos discursos “Médicos e Governamentista” da época, pois via-se no corpo principal objeto para se controlar a vida de boa parte da sociedade parahybana.

Segundo Azemar Soares e Vania Cristina, “Foi nessas instituições[Escolas} que a disciplina de Educação Physica passou a ter espaço no currículo escolar desde o ano de 1913” (SOARES, CRISTINA, 2012, p. 27). Logo de início começou-se a praticar a disciplina de educação Physica nas escolas com pouco interesse por parte dos seus praticantes, foi somente a partir do ano de 1913, que a Educação Physica, começou a ser praticada com mais vontade e empenho por parte de quem as praticasse, as escolas também passaram a incentivar cada vez mais a prática dos exercícios, pois eles estavam ligados diretamente as práticas de higiene e dos hábitos saudáveis, passando a valorizar assim cada vez mais “O desenvolvimento físico, e moral e intelectual dos seus praticantes através dos exercícios físicos”, tornando assim a população cada vez mais apta para realizar qualquer tipo de trabalho dispostos a tudo, pois eles ficariam até livres da preguiça fazendo ela desaparecer por completo da vida de quem praticasse esses novos hábitos saudáveis que tomava conta cada vez mais da cidade de Parahyba do Norte

As práticas de Educação Physica vão ser divulgadas pela imprensa como a uma forma de se viver melhor, de cuidar do corpo, ficando sempre afastados das doenças da época. Sendo comum “ver senhoras e senhoritas andando pelas praças e ruas praticando caminhadas.” (GUEDES, 2006, p.72) a partir daí novos costumes iriam tomar conta das famílias paraibanas. Coube aos médicos higienistas propagarem esses novos discursos, pois eles passaram a fazer cada vez mais apologia as novas práticas como indispensáveis à saúde das famílias.

O corpo era de acordo com os discursos médicos higienistas da época a porta de entrada para se obter uma vida cada vez mais saudável, pois tanto as práticas de hygiene como Educação Physica começaram a fazer parte da vida de um bom número de pessoas que integravam a alta classe social paraibana, o discurso dos médicos como do

próprio Flavio Maroja entre outras coisas afirmava que as duas práticas eram fundamentais para se construir uma vida mais saudável, tranquila e sem doenças.

Foi através das crianças que se teve início a Educação Physica e a disciplinarização dos corpos, através dessa prática só depois é que essas práticas foram sendo adotadas também pelos adultos, e foi ficando cada vez mais forte através de práticas como as caminhadas, e as corridas, que passaram a ser realizadas nas ruas e nas praças que também serviam também como ponto de encontro para conversas e namoros

Educar e higienizar os corpos tinha se tornado o primeiro mandamento da lei eugênica para se ter vida, e vida com abundancia livre de doenças como a própria Peste bubônica, a Rubéola, a Pneumonia, entre outras doenças que estavam amedrontando as famílias paraibanas nesse período. A busca pelo corpo perfeito, limpo, Higienizado e musculoso também ganhou nos discursos médicos, incitando também a se praticar sem preguiça a Educação Physica entre os alunos das escolas, e seus familiares. “A mulher agora ganhava papel de destaque como fiscal da educação dos seus filhos tanto no quesito higiênico, como no físico juntamente com o intelecto das crianças também, pois desde pequeno o macho deveria ser esculpido para se tornar quando adulto, um homem perfeito” (OLIVEIRA, 2003, p.16). Pois os meninos tinham que ser preparados para se tornar no futuro um bom marido, que fosse disposto a enfrentar qualquer tipo de serviço, pois seu corpo tinha que ser saudável e livre das mazelas, a sua esposa também tinha que ser saudável da mesma forma do seu futuro marido, ou seja, ela tinha que comungar da mesma saúde do seu companheiro, só assim eles poderiam formar no futuro uma família perfeita e saudável sem nenhuma anomalia física tendo assim filhos saudáveis como eles, tudo isso era pregado dentro dos discursos dos médicos paraibanos.

A modernidade, enquanto um projeto civilizatório, se efetivava através de práticas e idéias modernizantes autoritárias. A modernização era difundida como um valor que precisava ser vivido pelas cidades do mundo. Não importa qual era a “necessidade” de todos, o que era tido como necessário, no final do século XIX, era viabilizar caminhos para a modernização chegar (REZENDE, 1997, p. 107)

No caso a cidade apresentava-se como objeto privilegiado para intervenção da medicina nos seus diferentes aspectos. Seja no sentido de promover práticas para acabar e/ou evitar as doenças como intervir no corpo das crianças e dos adultos de um modo

geral.

### Considerações Finais

Como foi visto no decorrer deste artigo, entre 1910 e 1930, a cidade da Parahyba do Norte vivenciou uma série de problemas relacionados às epidemias que atingia todo o país. Em nome do controle de tais doenças, as autoridades governamentais, médicos higienistas, elite e intelectuais organizaram um projeto para modernizar a cidade. Tratava-se de um projeto que buscava a ordem, o progresso, a acivilização. Não interessava como seria colocado em prática, se todos desejavam o projeto, ou concordavam com a forma do projeto seria colocado em prática.

Porém, todos os espaços e pessoas deveriam se enquadrar nos modelos impostos. Os pobres e os seus espaços foram os alvos principais das investidas dos poderes públicos e da medicina (ciência). Suas moradias tidas como insalubres, fora do alinhamento e sujas, seus costumes e comportamentos ameaçavam a “concretização” da imagem da cidade moderna. Nesse sentido, utilizando os discursos da higiene (saúde) e do embelezamento da cidade procurou-se disciplinar a organização dos espaços da cidade bem como comportamentos e costumes de seus habitantes. Passou-se a interferir não apenas nos espaços públicos como estendeu-se para os espaços privados. Os mínimos detalhes do cotidiano da população passaram a ser vigiados e avaliados como apropriados ou não.

Foi dentro desta perspectiva que a cidade da Parahyba passou por uma série de transformações à nível do espaço físico: becos foram destruídos, construções fora do alinhamento derrubadas para dar lugar a ruas e avenidas harmoniosamente alinhadas, largas, calçadas e arborizadas que favoreciam a circulação de pessoas e transportes (o novo bonde elétrico e os automóveis). Construções de praças ajardinadas com ou sem coretos ampliavam os espaços de lazer, Teatro, cinema, cafés, clubs, etc. A vida social passava a ganhar um novo ritmo.

O sonho do progresso e da modernização também era observado no estrangeirismo que tomou conta da cidade. O gosto pelo que era estrangeiro, estendia-se

dos modelos das praças, jardins geralmente copiados de Paris ou da Inglaterra, aos objetos de uso pessoal como roupas, perfumes, jóias, etc.

O projeto autoritário estabelecido em nome da modernização, não foi aceito por todos e não foi usufruído por todos na mesma intensidade, porém, criou um cenário moderno para a cidade da Parahyba do Norte.

## **ABSTRACT**

This present article aims to analyze changes that have took place in *Parahyba do Norte* city, among 1910 and 1930, at which government authorities have become concerned with its reorganization as well as the metropolitan centers used already to be. Gradually *Parahyba do Norte* had remodeled its traditional circulation spaces: housing, leisure and work. During this period, the following reforms were encouraged and practiced: transformation of public spaces in attractive locations, remodeling trees and creating public parks and gardens; streets and avenues aimed at replacing the unhealthy alleys; whitewashing of public buildings, cobbled streets, electric service, plumbing, replacement of donkey vehicles for streetcars; among others. To spring the city with a new face, it was necessary to remove from streets abandoned children, sick and insane people, homeless, prostitutes, and "hide" them in nursing homes, psychiatric hospitals, brothels. Humble people had their thatched abodes demolished, destroyed alleys and replaced for "clean" and modern streets or boulevards. The body came to be seen as the main target of "medical and governmental" discourses of that time. The body was seen as the main object to control lives of *parahybanas* society. It was necessary to make it docile and useful, hence, it emerged the requirement of Physical Education in town Schools. The desire to transform the city, straightening its spaces and population could be perceived in many cities around the world and Brazil, in *Parahyba do Norte* it was not different.

**KEYWORDS:** City. Beautification. Discipline. Modernization.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wellington. OCTÁVIO, José. **Uma Cidade de Quatro Séculos: evolução e Roteiro**. 2 ed. João Pessoa: FUNCEP, 1989.

AGRA, Giscard Farias. **Urbs Doente Medicada: A Parahyba Tossindo Sangue, 1862 a 1918**. Recife, UFPE – 10 a 15 de Outubro, 2004

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega. **Uma Cidade, muitas tramas: A cidade da Parahyba e seus encontros com a Modernidade (1880 - 1920)**. Recife: UFPE, 2001. (Dissertação de Mestrado em História).

CHAGAS, Waldeci Ferreira, **As Singularidades da modernização na Cidades da Parahyba nas décadas de 1910 A 1930**. Recife: UFPE 2004. (Tese de doutoramento)

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987. p. 188.

GUEDES, Kaline Abrantes. **O algodão e a modernização do espaço urbano da cidade da Parahyba (1850-1924)**. 2006.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Viver a cidade: um estudo sobre pertença e medos**. RBSE • Vol. 4 • nº 11 •• p. 148 a 156. Agosto de 2005.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “Medos Corriqueiros: Em busca de uma aproximação metodológica”. **Cronos**, v. 3, n. 1, pp. 94 a 101. (2002a).

KROPF, Simone Petraglia. “Os construtores da cidade: o discurso dos engenheiros sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX.” in **Cultura e Cidade**. São Paulo: EDUC, 1996. (Projeto História-13).

MAIA, Doralice Sátyro. **Tempos Lentos na Cidade:** permanências e transformações dos costumes rurais em João Pessoa-PB. São Paulo: USP, 2000. (Tese de Doutorado).

MELLO, José Octávio de Arruda. **Capítulos de História da Paraíba.** Campina Grande: Grafset, 1987.

OLIVEIRA Iranilson Buriti de. “Fora da Higiene não há salvação”: a Disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano. In: **Mneme: Revista de Humanidades.** v.4 - n.7 - fev./mar. de 2003.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti, ANDRÉ, Flávio. “A cidade Gradeada pelo medo: Peste e doença em Campina no início do século XX”. In: **Revista de História e estudos culturais.** Setembro/ Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2012 vol. 9 ano IX. Nº 3... 2012. Disponível em: [WWW.revistafenix.pro.br](http://WWW.revistafenix.pro.br). Acesso em: 12/07/2014.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos Modernos:** Histórias da cidade do Recife na Década de Vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.

RODRIGUEZ, Walfredo. **Roteiro Sentimental de uma Cidade.** 2 Ed. João Pessoa: A União, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. (Org) **História da Vida Privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura Como Missão.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SÁ, Lenilde Duarte de. **Parahyba:** uma cidade entre miasmas e micróbios. O serviço de higiene pública, 1895 a 1918. Ribeirão Preto: USP, 1999. (Tese de doutorado)

SÁ, Albino Rafael de, SATYRO, Nirvana Ligia, MAIA, Doralice: “Movimento Higienista e Alteração do espaço Urbano na cidade da Parahyba (1854-1912)”. In: **Mercator –Revista de Geografia** da UFC, Universidade Federal do Ceara, Fortaleza: vol.11, num.25, maio - agosto, 2012, pp. 87-102. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oaid=273624812007>. Acesso: 14/07/2014

SILVA, Alômia Abrantes da. **As Escritas Femininas e os Femininos Inscritos.** Imagens de Mulheres na Imprensa Parahybana dos anos 20. Recife: UFPE, 2000. (Dissertação de Mestrado)

SOARES JUNIOR, AZEMAR. SILVA, VANIA CRISTINA DA. **Hábitos sadios: Modelação de corpos e mentes nas escolas da Parahyba (1937-1945)**. 2012.

SOARES JUNIOR, Azemar dos Santos. **Corpos Hígidos: O limpo e o sujo na Parahyba (1912 – 1924)**. UNB. 2011 (Dissertação de Mestrado)

JORNAIS E REVISTAS

A UNIÃO. 21/05/1919.

Era Nova Anno I, Nº 1, 27/03/1921.

DOCUMENTOS OFICIAIS:

Mensagem apresentada na Assembleia Legislativa pelo presidente do Estado da Parahyba o senhor João Pereira de Castro Pinto em 1º de Setembro de 1914.

Mensagem apresentada a Assembleia Legislativa da Parahyba pelo vice-presidente do Estado da Parahyba o senhor Coronel Antônio da Silva Pessoa, em 1º de Setembro do ano de 1915.

Relatório apresentado a Assembleia Legislativa pelo presidente do estado da Parahyba, o Dr. João Lopes Machado em 1º de Setembro de 1910.

Relatório apresentado a Assembleia Legislativa pelo presidente do Estado da Parahyba o Dr. João Lopes Machado no ano de 1911.

Relatório apresentado a Assembleia Legislativa do Estado da Parahyba pelo Dr. João Lopes Machado no ano dia 1º de Março de 1912.

Relatório presidencial apresentado a Assembleia Legislativa do Estado da Parahyba pelo presidente o Dr. Castro Pinto em 1º de Outubro de 1913.

Almanak Administrativo Mercantil Industrial do Estado da Parahyba para o ano de 1908.